

## **A reação violenta à exclusão social em El Salvador: O fenômeno das *Maras***

### **Introdução**

Mais de dez anos depois de um plano de paz sob a égide das Nações Unidas ter posto fim aos 12 anos de guerra civil em El Salvador, o grau de violência aumentou e atualmente El Salvador com uma taxa de homicídio de 117 por cada 100,000 habitantes é um dos países mais violentos do mundo e o mais violento na região da América Latina (Rodgers 1999).

A violência urbana, uma manifestação das inaceitáveis desigualdades econômicas e sociais em que os salvadorenhos vivem, é seguramente a forma de violência mais predominante em El Salvador. O fator que mais grandemente contribui é o surgimento de gangues de jovens (*maras*) que cresceram em suas zonas urbanas após o fim da guerra civil, o que segundo Vasquez (1999, p. 1) constitui “um dos mais importantes e complexos problemas culturais e geracionais do país na década de 1990”.

Não faz parte do alcance deste trabalho levar a cabo uma análise exaustiva das *maras* em El Salvador, de suas origens, das atividades legais e ilegais em que membros de gangues se envolvem, nem de sua relação, quer individual quer coletivamente, com as instituições sociais.

Em vez disso, este curto trabalho tentará investigar os principais fatores estruturais subjacentes à **expansão** das *maras* em El Salvador e defender que as políticas econômicas neoliberais adotadas após os acordos de paz e a incapacidade crônica do Estado em abordar a pobreza, as desigualdades e a exclusão na distribuição dos recursos econômicos, políticos e sociais, são responsáveis pelas principais razões da proliferação da delinquência juvenil (Moser e Winton 2002).

### **Resenha histórica**

As sérias disparidades da riqueza constituíram a principal causa da guerra civil. Na década de 1970, o desemprego, a pobreza e a falta de acesso aos terrenos eram circunstâncias que predominavam entre os salvadorenhos. O sistema social extremamente injusto estava claramente espelhado na estratificação da sociedade salvadorenha no início da guerra civil em 1980: cerca de 80% da população era composta por *campesinos*, camponeses pobres; cerca de 10% por operários; 8% pela classe média e 2% pela classe alta ou oligarquia as quais detinham 60% da terra produtiva da nação e controlavam todos os setores-chave da economia.

A Guerra civil entre as forças governamentais e a revolucionária Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN), que causou a morte de mais de 70,000 pessoas e a deslocalização de outras 900.000 terminou oficialmente com os Acordos de Paz de Chapultepec em 1992. A partir desse momento, esforços reiterados têm sido feitos de modo a levar a efeito o complexo processo de reconstrução das instituições democráticas mas as tentativas feitas para corrigir as desigualdades e melhorar as condições socio-econômicas da população salvadorenha têm sido insuficientes e muitas vezes não apropriadas. Os acordos de paz, para além de criarem as condições para a reconciliação e reconstrução do país, incluíram um vago compromisso para diminuir a pobreza, melhorar os serviços sociais e reparar as infraestruturas do país fortemente danificadas durante o desenrolar do conflito.

Porém, os entraves às iniciativas de paz na área socio-econômica suscitam sérias dúvidas quanto à adequação das políticas macroeconômicas do país no pós-guerra. O programa de

ajustamento estrutural implementado sob a rigorosa supervisão do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial revelou-se um sucesso no controlo da inflação mas as políticas restritivas do ponto de vista fiscal impuseram fortes limites aos gastos do Estado, com consequências sociais e económicas que se podem prever com segurança.

Os programas sociais, que muito necessitavam ser implementados, foram postos em causa por políticas económicas que continuaram beneficiando uns poucos, e também não contribuíram para a criação de emprego suficiente. Tanto tempo após o fim do conflito, é frustrante verificar que as causas subjacentes ao mesmo – a concentração dos poderes político e económico nas mãos de uma pequena elite e a exclusão de uma grande parte da população dos recursos-chave - continuam por solucionar.

É importante frisar que quando comparamos as cifras da concentração de riqueza durante os inícios dos anos '90 com cifras atuais, constatamos que o fosso entre os agregados familiares de maior rendimento e os mais pobres aumentou. Isso reflete o modo como os dividendos do crescimento económico têm sido distribuídos durante essa fase de reforma económica neoliberal.

Com um produto interno bruto per capita de US\$ 2,000, El Salvador permanece hoje um dos países mais pobres da região de América Central e Latina. Apesar do crescimento económico registado durante meados dos anos 1990, 44,6% da população salvadorenha vive na pobreza, e, enquanto a taxa oficial de desemprego é de 8%, cifras incluindo o subdesemprego colocam o total perto dos 40%. O salário médio permanece baixo, (US\$ 296,9 nas zonas urbanas e US\$ 133 no sector rural). No Relatório de 2002 sobre Desenvolvimento Humano, El Salvador ocupa o lugar 104, entre 174 países e o coeficiente Gini (82) está entre os cinco mais elevados do mundo (PNUD 2000).

Num país em transição minado por enormes problemas económicos e sociais, um Estado débil e uma reação fraca para abordar estes desafios facilmente poderá criar terreno fértil para o desenvolvimento da criminalidade, e em particular para o surgimento de delinquência comum que tem sua expressão mais comum nos fenómenos das *maras*.

### **Análise literária**

A partir do fim da década de 1920, uma quantidade considerável de teorias tem tentado explicar a formação de gangues de jovens. Partindo do paradigma social da Escola de Chicago, o trabalho pioneiro de Thrasher (1927) atribuiu aos gangues um contexto cultural e ecológico. Em seu estudo das gangues na cidade de Chicago, descobriu que as zonas em que as gangues se constituíam e desenvolviam se caracterizavam por três aspetos principais: (1) bairros degradados, (2) população migrante, e (3) mobilidade e desorganização das favelas. A sua descrição das *gangues* permanece atualmente uma das mais utilizadas e seguramente uma das mais úteis alguma vez formuladas:

“O esforço espontâneo dos rapazes para criar uma sociedade para si próprios quando não existe nenhuma apropriada às suas necessidades. Aquilo que os rapazes retiram de uma associação deste tipo e que não conseguem de outro modo com os entraves que a sociedade adulta impõe à excitação e entusiasmo de participar em interesses comuns, mais propriamente em atividade de grupo, caça, captura, conflito, luta e fuga. Conflito com outras gangues e com o que quer que seja proporciona-lhes a oportunidade para muitas das suas entusiasmantes actividades de grupo.”(1927, p. 37)

A constituição, estrutura e comportamento das gangues é muitas vezes afetada por estereótipos. Normalmente, as gangues são compostas por jovens do sexo masculino no fim da adolescência, violentos, atestados de drogas e álcool, sexualmente hiperativos,

imprevisíveis, arruaceiros, traficantes de droga que lutam pelo lucro e domínio em habitações sociais imundas de seu bairro no centro da cidade.

Porém, foram feitos por vários sociólogos nas décadas de 1950, 1960, esforços reiterados para descrever as gangues para além dos estereótipos, quando as abordagens teóricas sobre gangues foram revistas pela primeira vez desde o trabalho de Thrasher sobre as gangues de jovens de Chicago nos anos 1920.

Cohen (1955) e Miller (1958) criaram a idéia da gangue como sendo representação da subcultura da classe pobre, desenvolvendo a teoria da não obtenção do estatuto para explicar o processo pelo qual os rapazes se envolvem na delinquência e gangues.

Cloward e Ohlin (1960) afastaram-se da teoria do estatuto e centraram-se nas barreiras à obtenção de sucesso com que a maioria dos rapazes da classe operária e da classe baixa depara.

O trabalho de 1959 de Yablonsky sobre gangues violentos defendeu que as gangues se constituem como reação a ameaças contra a segurança e dão resposta às necessidades psicológicas de rapazes incapazes de se realizar na sociedade em geral.

As gangues estão sujeitas à mudança, tanto dentro do país quanto além-fronteiras mas o que mais contribui para desencadear a sua constituição é a necessidade que os jovens têm de substituir em parte certas instituições - família, escola, ou mercado de trabalho – certas desigualdades, exclusão e colapso administrativo que caracterizam as favelas e por isso os bairros situados no centro da cidade se enfraqueceram ou se tornaram disfuncionais (Rodgers 1999, p.1, 4).

No entanto, se as teorias são fundamentais para fornecer uma visão global do fenômeno, o que se torna vital é investigar as condições sociais, econômicas e políticas em que as gangues de jovens emergem e tentar compreender aquilo que naquele contexto em particular levou à sua proliferação.

### ***As Maras***

Durante a década de 1980, quando a guerra civil atingiu o seu auge, milhares de salvadorenos fugiram do país e acabaram sendo segregados nos bairros pobres de Los Angeles e de outras grandes cidades americanas. Para se defenderem de outras gangues latinas violentas já presentes no território e combaterem o sentimento de isolamento e marginalização, os jovens salvadorenos formaram novas gangues, muitas vezes mantendo ligações com gangues de rua em sua terra natal, como *La Mara*. Foi exatamente neste contexto de segregação espacial, cultural, social e econômica que *Mara Salvatrucha* (MS) e *Los De La 18* (a Gangue da rua 18)<sup>1</sup>, considerados como estando entre os mais poderosos e violentos do universo das gangues, se constituíram.

Actualmente o número de membros é impressionante: Smutt e Miranda (1998, p. 35) calculam que as gangues contem com mais de 20.000 membros dispersos pelos Estados Unidos e El Salvador e que uns 70% dos jovens *pandilleros* (membros de gangues) em El Salvador pertençam a uma das 400 subdivisões destas gangues principais.

---

<sup>1</sup> Salvatrucha significa: “O Salvador tem de viver”; O nome M18 vem da rua 18 em Los Angeles, local onde a gangue foi formada.

Em 1992, alterações às leis americanas de imigração permitiram deportar estrangeiros que tenham cometido um crime contribuindo assim para conferir uma dimensão transnacional e mais violenta às já existentes gangues salvadorenhas. Em 1993, setenta membros de gangues foram deportados para El Salvador e em 1996 mais de mil e duzentos salvadorenhos envolvidos em atividades criminosas foram deportados, mais de metade deles com ligações às gangues (Vasquez 2000).

Apesar de a existência das gangues em El Salvador remontar às décadas de 1950 e 1970, os refugiados que retornavam trouxeram um novo estilo de violência de gangue para um país já marcado pela violência. Estranhos em seu próprio país, recebidos pelos locais com receio e discriminação, com acesso limitado a oportunidades de emprego aceitáveis, habitação e educação aceitáveis, sobreviveram do único modo que conheciam.

Presentemente a participação em gangues está a aumentar. Estima-se que em 1996 cerca de 20.000 jovens estavam associados a gangues (IUDOP 1997, p.695, De Cesare 1998, p.25), a grande maioria dos quais atuando na capital São Salvador. No ano 2000 (Santa Cruz, Giral, Concha Eastman 2001, p.13) o número aumentou para 30-35.000 (em uma população de 6.4 milhões).

As gangues de jovens em El Salvador são conhecidas por sua violência extrema, organização bem estruturada, posse de armas letais (incluindo M-16, granadas de mão M-3 e lança-mísseis RPG-2) e forte consumo de narcóticos e álcool. A violência das gangues é responsável por uma grande percentagem de homicídios, ataques, seqüestro, roubos, violações, e outros crimes violentos em zonas urbanas do país. Calcula-se que a taxa de mortalidade mais elevada devido a homicídio ocorra entre jovens entre os quinze e os trinta e quatro, 41% dos quais usam armas de fogo (Cruz 1998). Segundo Cruz (1998), “o problema da delinquência é de uma magnitude tal que os salvadorenhos se tornaram mais alarmados pela criminalidade do que por aquilo que os preocupava durante a Guerra...”

Numa entrevista recente, Elías Bolanos, diretor do Instituto Ricaldone em São Salvador, afirmou que “os membros das *maras* são “crianças da guerra”, tendo apenas visto ou ouvido de guerra desde os cinco anos ou ... agora, com 17, estão tentando suportar essas experiências em um novo contexto” (Revista Centroamericana 1994, citada por Rodgers 1999, p.9).

Se é verdadeiro que durante a guerra uns estimados 80 % das tropas governamentais e 20% dos membros da FMLN tinha menos de dezoito anos de idade e que no final da guerra 61% das crianças da FMLN não estavam incluídas no programa de desmobilização, isso não é suficiente para justificar a explosão de gangues e a disseminação da criminalidade no país.

Actualmente, as explicações mais comuns avançadas para a proliferação das gangues são: (1) o conflito duradouro que deixou grandes quantidades de armas nas mãos dos civis; (2) as dificuldades de reinserção social dos ex-combatentes; (3) a profundamente arraigada cultura de violência na sociedade salvadorenha; (4) a transição do autoritarismo para a democracia; e (5) a falta de criação de laços (de qualidade) entre pai e filho.

Rodgers (1999, p.9) comenta que o factor mais importante na explicação do surgimento das *maras* talvez seja a elevada taxa de migração que retorna e a deportação de membros de gangues dos Estados Unidos para El Salvador.

Apesar de todos estes fatores externos e internos poderem até certo ponto contribuir para explicar a proliferação das gangues, e acima de tudo toda sua natureza extremamente violenta, eles não têm em conta, contudo, aquilo que realmente leva os jovens a reinventar

suas identidades através das gangues: marginalidade social, carências econômicas, condições de vida precárias incluindo alguma sobrelotação, falta de emprego, falta de serviços básicos e uma forte ausência de confiança nas instituições sociais.

### ***Quem são os pandilleros?***

Estudos recentes sobre as *maras* revelaram que três quartos dos seus membros são do sexo masculino, com uma média de idades de 18.5 anos (o mais novo com 11, o mais velho com cerca de 26) e que a maioria pretence à classe operária ou média baixa (Rodgers 1999, p.9).

Porém, uma investigação mais recente sobre gangues salvadorenhas levada a cabo em 1998 mostrou que 82.9% dos inquiridos vive na pobreza, 72.7 % vem de agregados familiares monoparentais e 74.5%, apesar de terem em média nove anos de escolaridade, estão desempregados. Os poucos que trabalham, estão fundamentalmente envolvidos em actividades pontuais de trabalho sem acesso a qualquer segurança social ou garantia de manter o emprego (Smutt 1998).

A vida na gangue pode ser extremamente perigosa. A violência, a luta e as batalhas pelo território entre gangues rivais são parte intrínseca do estilo de vida das gangues. Mas é verdade que a ameaça de violência física – real ou assim encarada – aumenta a solidariedade de gangues no mesmo bairro, e às vezes, por todo o bairro, por que é que os jovens salvadorenhos se tornam *pandilleros* quando sabem suas hipóteses de morrer antes de seu vigésimo aniversário ou de serem presos durante anos muito provavelmente se tornarão realidade?

Numa pesquisa levada a cabo em São Salvador pelo IUDOP (Instituto de Opinião Pública na da Universidade da América Central) 60% dos inquiridos confirmou que aderiu à gangue devido ao sentimento de cumplicidade, unidade e amizade que a gangue podia proporcionar; 46% porque “*les gusto el vacil*”, (companheirismo e actividades de gangue), e uns 22% por problemas familiares.

No entanto, quando questionados sobre seu futuro, aproximadamente 85% dos participantes respondeu que gostaria de abrandar, desistir das drogas, da violência, encontrar um trabalho e constituir família.

*La vida loca* (“a vida louca”) é o modo distintivo e desafiador que as gangues têm de recriar um sentimento de identidade, espacialidade e comunidade à margem da sociedade, que tem pouco para oferecer. Quando as oportunidades são travadas, e os empregos são escassos, para quê lutar pela inclusão?

Confrontados com a exclusão ou marginalidade, os membros de gangues:

“podem então se recusar a aceitar as regras do jogo democrático, ou a as aceitar apenas parcialmente. Sua reação pode então se converter em violência social. Os afetados pela exclusão econômica não se tornam sujeitos individuais ou coletivos em sua recém-criada esfera pública e política: podem resistir e protestar, vivendo sob regras diferentes, as regras da violência. Suas energias limitadas e recursos não estão canalizados para a integração, “acting out” em vez de participar; por vezes isto é manifesto em formas de resistência comunitária”. (Jelin, 1998, p. 408).

Segundo Cruz (1998): “Há diferenças notórias na sociedade salvadorenha entre os ricos e os pobres e um grande segmento da sociedade se sente marginalizada, completamente excluída do processo político. Durante a guerra, a esquerda foi endemoniada. Depois do conflito, já

não havia um mau da fita, e por isso as autoridades elegeram a juventude, e em particular as gangues.”

As gangues emergem e proliferam nas zonas urbanas marginais que se tornaram ainda mais pobres e desfavorecidas pela migração massiva de zonas rurais para zonas urbanas ocorrida nos anos do pós-guerra.

A área metropolitana de São Salvador, que inclui catorze cidades cresceu dos 1.4 milhões de habitantes em 1990 para mais de dois milhões em 1999, sendo hoje responsável por 70% do total da população urbana e 32% da população do país.

Se é certo que a célere urbanização e as recentes catástrofes naturais que assolaram o país (terramotos e furacões) debilitaram a capacidade do governo central e do poder local de fornecer serviços básicos, incluindo educação aceitável, alojamento, e emprego, a realidade é que o modo como as políticas econômicas são formuladas exacerbou o problema.

### **Conclusões:**

Não existem soluções fáceis para o problema da criminalidade, e em particular para a violência e delinquência juvenis. Atualmente o problema é de uma magnitude tal que só uma abordagem holística integrada (Moser 2002) poderá ajudar a controlá-lo. As estratégias de saúde pública tendentes a evitar comportamentos ofensivos através da redução dos factores individuais, ou estratégias de capital social tendentes a refazer o tecido social conciliando as instituições sociais formais e informais, se revelaram verdadeiramente bem-sucedidas na prevenção e redução da criminalidade.

Porém, se acções locais sistematizadas que têm como alvo a juventude são indubitavelmente necessárias e recomendáveis, ainda mais cruciais são as acções estruturais a longo prazo tendentes a corrigir políticas macroeconômicas e a dar a conhecer um modelo de desenvolvimento mais sustentado, humano e participado.

Apesar de a economia salvadorenha ter crescido durante a última década, a riqueza não chegou às massas. Tendo em conta que aproximadamente 50% da população salvadorenha tem menos de 20 anos de idade, é previsível que nos anos vindouros El Salvador tenha de lidar com o afluxo massivo da nova população ao mercado de trabalho. A integração dessa força de trabalho em emprego digno necessitará de profundas mudanças na estrutura econômica do país e na elaboração de políticas integradas no tocante ao mundo do trabalho.

No actual modelo ou plano para o crescimento econômico levado a cabo em El Salvador, o trabalho, mais do que um mecanismo de acesso ao bem-estar e de progresso para as famílias, tem sido considerado uma variável de ajustamento automático para a macroeconomia. É importante mencionar que cerca de metade da população ativa está empregada no sector urbano informal da economia, especialmente as mulheres (*feiras*, vendedores de rua, emprego por conta própria ou microempresas de subsistência, etc.).

*Maquiladoras*, uma das novas estratégias do governo para conectar a economia salvadorenha com os mercados globais, não apresentam na realidade uma resposta útil para a pobreza. Em El Salvador, um salário aceitável rondaria os 4,400 (\$ 506) colones por mês para uma família de quatro e as *maquiladoras* ganham apenas o salário mínimo.

Existe o grande perigo de o crescimento econômico continuar beneficiando a minoria privilegiada e excluindo um vasto segmento da população e tendências recentes não mostraram melhoras significativas. Em 1999, o rendimento dos mais ricos 20% dos agregados familiares foi 19 vezes superior ao rendimento dos mais pobres 20% dos

agregados familiares (Oxfam 1999) e a influência das elites socio-econômicas na preparação das políticas sociais e econômicas é confirmada pela falta de programas que lidem com a pobreza, o desemprego e as desigualdades econômicas (Gomez 1999, p.53).

Quando as desigualdades e a pobreza se sobrepõem, aumentam os riscos de criação de circunstâncias nas quais as pessoas recorrem ao crime e à violência. A delinquência tem as suas origens nas condições econômicas e sociais, na elevada incidência de pobreza e maus serviços básicos (Becker 1968, Fajnzylber 1998)

As Maras são a resposta da juventude à injustiça social e falta de oportunidades. É um modo violento de se rebelarem, de condenar e satisfazer as exigências socio-econômicas que o Estado é incapaz de preencher ou a tal se mostra relutante: elas fornecem uma alternativa para se obter uma fonte de rendimento (o custo de oportunidade do crime) e reconstruir o sentimento de segurança, pertença, reconhecimento e participação que a sociedade salvadorenha lhes nega.

Tal como Smutt (1998) defendia: “Os seres humanos não são intrinsecamente violentos, tornam-se violentos em contextos violentos”.

## Bibliografia

- Becker, G.S. (1968) "Crime and Punishment: an Economic Approach". *Journal of Political Economy* 73: 169-217.
- Cloward, R. e Ohlin L., (1960) *Delinquency and Opportunity*, New York: The Free Press.
- Cohen, A.K. (1955) *Delinquent boys: The Culture of Gangs*. Glencoe, IL: Free Press.
- Cruz, J.M. e Portillo Pena, N. (1998), *Solidariedad y Violencia en las Pandillas del Gran San Salvador. Más Allá de la Vida Loca*, UCA Editores, São Salvador.
- Cruz, J.M., Trigueros Arguello, A. e González, F. (1999) *The Social and Economic Factors associated with Violent Crime in El Salvador*, IUDOP Relatório elaborado para o Banco Mundial, São Salvador, Novembro 1999.
- De Cesare, D., (1998) "The children of war. Street gangs in El Salvador", *NACLA*, Vol. 32, No.1.
- Fajnzylber, P., Lederman, D. e Loayza, N., (1998) "Determinants of Crime Rates in Latin America and the World: An Empirical Assessment". Banco Mundial, Estudos Latino-American e Caribenhos. Pontos de Vista. Banco Mundial, Washington D.C.
- Gomez, I., (1999) "Religious and Social Participation in war-torn areas of El Salvador", *Journal of International Studies and World Affairs*, Vol, 41, No.4, Inverno 1999, pp.53-71.
- Istituto Universitario de Opinión Publica. (IUDOP), "Encuesta de opinión sobre delincuencia". Série de relatórios 70. São Salvador: IUDOP-UCA, 1998.
- Istituto Universitario de Opinión Publica. (IUDOP), "La violencia en El Salvador en los anos noventa. Magnitud, costos y factores posibilitadores". *Documento de Trabalho R-338*. Rede de Centros de Investigaçao. Banco Interamericano de Desenvolvimento.
- Jelin, E. (1998) "Toward a Culture of Participation and Citizenship: Challenges for a more Equitable World". In *Cultures of Politics, Politics of Culture: Re-Visioning Latin American Social Movements*, eds. Sonia Alvarez, Evelina Dagnino, e Arturo Escobar. Boulder, Colo.: Westview.
- Miller, W.B. (1958) "Lower Class Culture as a Generating Milieu of Gang Delinquency", *Journal of Social Issues* 14 (1958): 5-19.
- Moser, C. e Winton, A., (2002) *Violence in the Central American Region: Towards an integrated Framework for Violence Reduction*, Overseas Development Institute Working Paper No. 171, Londres: ODI, 2002.
- Oxfam, *Dossier: El Salvador: le défi du néolibéralisme*, documento, Abril 1999, p.2-24.
- Rodgers, D. (1998) "Chaos or order? Youth gangs and violence in Nicaragua", paper apresentado na série de seminários LCSES "Governance, Social Capital and Violence", Banco Mundial, Washington D.C., EUA, 14 Janeiro, 1998.

Rodgers, D. (1999) “*Youth Gangs and Violence in Latin America and the Caribbean: A Literature Survey*”, Desenvolvimento Sustentável da América Latina e da região do Caribe Working Paper No.4 (Urban Peace Series), Banco Mundial, Washington D.C., EUA, Agosto 1999.

Smutt, M. e Miranda, J., (1998) *El fenomeno de las pandillas en El Salvador*. São Salvador: UNICEF, FLACSO.

Thrasher, F. (1927), “The Gang”, Chicago, Chicago University Press.

PNUD, Human Development Report 2000 (CHECK THE EXACT SOURCE)

PNUD, *Relatório “Violencia de genero en El Salvador”*, El Salvador, 2000, p.16.

Vasquez, M.A. “Saving Souls Transnationally: Pentecostalism and Gangs in El Salvador and the United States”.

Yablonsky, L. (1959) “The delinquent gang as a near group”, *Social Problems* (7): 108-117.

### **Web sites**

Mares D.R., “Latin American Perspectives on the Causes, Prevention and Resolution of Deadly Intra-and Interstate Conflicts, 1982-1996”.

<http://www.ccpdc.org/pubs/mares/mares.htm#3>.

Murcia A., Rosekrans K., Paniagua M.A., Quezada A.Y., “El Salvador: transition and participation”, Relatório de 1999, Social Watch.

<http://www.socwatch.org.uy/1999/nationalreports99/slv99eng.htm-10>

**FUNDE, National Foundation for Development (FUNDE)**

<http://www.funde.org>